Famílias de manuscritos no Apocalipse

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

A edição *Text und Textwert* do Apocalipse reconhece três linhas principais de transmissão — ou seja, famílias de manuscritos — no livro do Apocalipse. Ela as denomina "Koiné", "Andreas" e "Complutense", o que coincide, em essência, com a minha interpretação de Hoskier. Das nove famílias identificadas por Hoskier, o *Majority Text* de Hodges-Farstad utilizou apenas as quatro maiores, além de uma menor, designando-as como **M^{a,b,c,d,e}**. A família "Koiné" é composta por **a** e **b**, acrescidos de dois grupos menores que chamo de **f** e **g**. A família "Andreas" é formada por **d** e **e** (o grupo **h**, que incluí na categoria "Andreas", foi subdividido por eles em três grupos menores com afinidades variáveis). A família "Complutense" é constituída pelo grupo **c**.

Os editores daquela edição (também a *ECM*) identificaram cerca de 310 manuscritos de texto contínuo contendo a totalidade ou parte do Apocalipse, além de alguns que apresentam um grego mais recente, já não sendo o koiné; estes não foram considerados. Há 14 fragmentos tão pequenos que não foram analisados (5 papiros, 6 unciais, 3 cursivos). Existem 13 manuscritos isolados, que não fazem parte de nenhum grupo ou família (P^{47}, P^{115}, א, A, C e 8 cursivos); se não integram nenhuma linha de transmissão, trata-se de cópias fabricadas, não cópias fiéis de seu exemplar; ou então não foram copiados para gerar sua própria linha de transmissão (nesse caso, por que não foram copiados?). Há 12 cursivos considerados "mistos" (eu classifiquei alguns outros de maneira diferente); se são mistos, são posteriores às linhas que combinaram. Se subtrairmos esses 39 manuscritos dos 310, restam 271. Há pelo menos 8 que não estão disponíveis, além de outros 11 que, na avaliação dos editores, sofreram influência de uma edição publicada, de uma forma ou de outra. Subtraindo esses 19 de 271, restam 252.

Para "Andreas", os editores identificaram 22 manuscritos que não haviam sido cotejados por Hoskier (sendo um deles um fragmento). Visto que não os dividiram entre **d** e **e**, sou obrigado a designá-los simplesmente como "Andreas", embora esses 22 estejam presumivelmente divididos entre os dois grupos. A família **d** conta agora com 11 representantes, além do GA 2034, que parece ser uma cópia do GA 2036. A família **e** conta agora com 29 representantes, além do GA 2886, que parece ser uma cópia do GA 2920 (os manuscritos G 205 e G 209 de Hoskier são agora denominados coletivamente como 2920), e do GA 2029, que parece ser uma cópia do GA 2028. O GA 2926$^{[1;1-3:12]}$ pertence ao grupo **e**, mas o restante pertence ao grupo **c**; por isso, não o incluí nesta contagem. A soma de 22 + 11 + 29 resulta em 62 representantes para "Andreas".

Para o grupo "Koiné", os editores identificaram 20 manuscritos que não haviam sido cotejados por Hoskier. Visto que não os classificaram em nenhuma das subdivisões de Hoskier, sou obrigado a designá-los simplesmente como "Koiné", embora se presuma que esses 20 manuscritos se distribuam entre as subdivisões. A Família **a** conta agora com 16 representantes. A subdivisão **a-b** possui agora 15 representantes — excluindo o GA 2258, que parece ser uma cópia do GA 2076, mas incluindo os "gêmeos" GA 2070 e 2305 para o trecho 12:1–22:21 (cuja primeira metade pertence ao grupo **f**). A subdivisão **a-c** conta agora com 6 representantes. A subdivisão **a-d** mantém 16 representantes. A subdivisão **a-e** conta agora com 3 representantes. A subdivisão **a-g** mantém 6 representantes. A família **i**, incluída no grupo "Koiné", conta agora com 5 representantes. A soma de 20 + 16 + 15 + 6 + 16 + 3 + 6 + 5 resulta em 87 representantes para o grupo "Koiné". No entanto, como a família **b** quase sempre acompanha a família **a**, ao somar seus 10 representantes, chegamos a um total de 97. Além disso, embora as famílias **f** e **g** acompanhem a família **c** de forma independente em certos momentos, ambas são, essencialmente, do tipo "Koiné". As famílias **f** e **g** são representadas por 14 e 10 manuscritos, respectivamente; assim, ao somá-las, obtemos 121 representantes para o grupo "Koiné".

Para ilustrar melhor, **b**, **f** e **g** associam-se independentemente à família **c** da seguinte forma: **b** 18 vezes, **f** 12 vezes, **g** 34 vezes, **b** e **f** 3 vezes, **b** e **g** 20 vezes, e **f** e **g** 2 vezes. Há tanta complexidade que o cálculo não é simples, mas fica claro que os três grupos fazem parte do "Koiné".

Quanto ao grupo ‘Complutense’ (família **c**), os editores a ele atribuíram 36 manuscritos representativos, incluindo um fragmento. Com base em meus próprios cotejos, contabilizo 42, incluindo o mesmo fragmento, além de 4 membros marginais. Como mencionei anteriormente, os editores dividiram a minha família **h** em três pequenos grupos, representados por 5, 7 e 7 manuscritos, respectivamente. Eles oscilam entre ‘Andreas’ e ‘Koiné’. Assim, o grupo ‘Koiné’ possui praticamente tantos representantes quanto ‘Andreas’ e ‘Complutense’ somados, enquanto ‘Complutense’ é o que conta com menos representantes. No entanto, as testemunhas devem ser avaliadas, e não apenas contadas. Farei agora uma tentativa de avaliação objetiva.

O que os editores da *TuT* denominam "Koiné" compreende sete divisões, segundo Hoskier. Os editores também reconheceram as famílias **b**, **f** e **g**, o que totaliza dez divisões caso estas sejam incluídas. A "Koiné" não possui uma forma arquetípica única. O grupo "Andreas" inclui as famílias **d** e **e**; a família **d** é consistente, ao passo que a **e** apresenta muitas divisões internas distintas. O grupo "Andreas" não possui uma forma arquetípica única. Tratarei da "Complutense", a família **c**, separadamente.

Examinei todos os 45 manuscritos representativos (segundo meus cálculos, excluindo o fragmento) da família **c**, a minha Família 35, nos 29 pontos onde ocorre uma divergência de 15% ou mais dentro da família. Desses 29 casos, 16 são simplesmente grafias alternativas da mesma palavra (geralmente envolvendo apenas uma letra); não se trata de variantes propriamente ditas, visto que não alteram em nada o sentido. Quanto aos 13 casos restantes: 3 envolvem uma única letra que pouco altera o significado; 2 alteram o gênero da mesma forma, com pouca mudança de sentido; 2 alteram o caso gramatical da mesma forma, com pouca mudança de sentido; 1 envolve sinônimos que resultam na mesma tradução; e 5 alteram a forma do mesmo verbo, com pouca mudança de sentido. Conclusão: a família é sólida, sem uma única divergência que realmente altere o significado. A família "Complutense" possui, de fato, uma forma arquetípica única, a qual já publiquei.

Pois bem, visto que a redação Original do Apocalipse é o Arquétipo supremo, qualquer candidato a verdadeiro representante desse Arquétipo deveria também ser um arquétipo. Das três principais linhas de transmissão, apenas uma possui um arquétipo objetivamente definido; portanto, ela é a melhor candidata entre as três. Notar, por favor, que a minha avaliação baseou-se apenas em evidências objetivas, e não em preferências subjetivas. No entanto, há ainda mais evidências a serem consideradas.

Usarei **a** para representar "Koiné", **d** para "Andreas" e **c** para "Complutense". Há uma grande indefinição, ou mistura, pois fragmentos de **a** e **d** são erráticos, muito erráticos. Já **c** é consistente. Tentei acompanhar três quartos ou mais de cada "família", de modo que os números apresentados são aproximados, mas o quadro geral permanece válido.

Há cerca de 153 passagens, ao longo do livro do Apocalipse, em que **a&c** se alinham contra **d**; cerca de 174 passagens diferentes em que **c&d** se alinham contra **a**; mas apenas 16 passagens em que **a&d** se alinham contra **c** (além de outras 11 em que uma das duas apresenta divisão interna). Assim, **c** é o denominador comum e, portanto, presumivelmente mais antigo e superior aos outros dois. Esse cenário remete ao observado na *Perícope*. Além disso, são comparativamente poucas as passagens em que as combinações **a&c**, **c&d** e **a&d** se apresentam "limpas" — isto é, sem ambiguidades ou misturas —, devido à natureza "errática" de **a** e **d** (mas não de **c**). O caráter errático de **a** e **d** não favorece a credibilidade de ambos.

Analisarei agora os pontos em que **a&d** se unem contra **c**. Dos 16 casos claros, 11 não alteram o sentido; 3 provocam uma pequena diferença; e 2 realmente fazem alguma diferença: um altera o gênero, mudando a referência dos quatro seres viventes para os vinte e quatro anciãos, e o outro muda o caso de nominativo para genitivo, o que é claramente um erro gramatical. Quanto aos 11 casos em que um dos dois está dividido, 4 não

alteram o sentido; 5 provocam uma pequena diferença; e 2 realmente fazem alguma diferença: um substitui um advérbio por um pronome relativo (uma letra) e o outro omite a cláusula final da expressão “aquele que é, que era e que há de vir”, deixando apenas “aquele que é, que era”, o que é claramente um erro. Restam, portanto, dois casos que se pode dizer que fazem alguma diferença em todo o livro do Apocalipse. Isso não é suficiente para contestar a categoria da família **c** (Família 35) como o denominador comum.

Outro ponto: em todo o livro do Apocalipse, a Família 35 aparece totalmente isolada em apenas quatro ocasiões; fora isso, pelo menos alguns manuscritos diferentes compartilham a sua leitura. Há outros quatro casos em que apenas a PC se junta à F35, mas não sei quais manuscritos o Cardeal utilizou. Esse quadro corrobora a minha tese de que a F35 constitui o núcleo da transmissão a partir do qual todas as outras linhas se originaram, em épocas e locais distintos.

Defensores de um modelo eclético frequentemente alegam que massa bizantina dos manuscritos do Novo Testamento é resultado de controle; que o texto bizantino é um texto controlado. No entanto, esse texto não é monolítico; há muitas divisões internas, como ocorre no livro de Apocalipse. Em nítido contraste com todas as outras linhas de transmissão, a Família 35 é, de fato, monolítica. Tenho em mãos cópias quase idênticas de manuscritos da Família 35 provenientes de cinco séculos diferentes e de mosteiros isolados, espalhados por toda a região do Mediterrâneo. Em nenhum momento da história da Igreja houve qualquer agente humano capaz de impor o nível de controle necessário para produzir tal resultado. O Espírito Santo é o único Agente que poderia tê-lo feito e, visto que o resultado existe, Ele certamente o fez. (O conhecimento científico não se baseia no princípio de causa e efeito? Observamos um efeito e tentamos identificar a causa.) Mas por que o Espírito Santo desejaria controlar uma linha de transmissão? E, nesse caso, por que escolheria apenas uma? Se Ele inspirou o Texto do Novo Testamento, Ele desejaria preservá-lo. E seria precisamente a redação original que Ele desejaria preservar. Além disso, Ele teria de escolher uma linha de transmissão para realizar essa preservação ao longo dos séculos. Todas as evidências que já examinei indicam que Ele escolheu a Família 35.